

Revista Grampo Canoa, Dezembro de 2016

A poesia do século em que estamos não pode prescindir da atuação das poetisas mulheres que nele, seja em sua primeira década ou nesta da qual já passamos da metade, começaram a escrever. Numérica e qualitativamente muito expressivas, elas compõem diversas forças que configuram as vertentes mais impactantes do que se tem feito hoje no Brasil. Os nomes são tantos e já tão conhecidos, ao menos por quem minimamente lê a poesia de hoje (como é o caso da maior parte dos leitores desta revista), que nem é preciso lembrá-los mais uma vez, nem seria o objetivo aqui abordá-las em suas escritas. É importante, entretanto, lembrar, entre as que estrearam nos anos 1990, como, dentre outras, Cláudia Roquette-Pinto, Josely Vianna Baptista, Paula Glenadel e Mariana Ianelli, a poesia singular e ao mesmo tempo antecipadora de Simone Brantes.

Entre uma densidade existencial e uma autoironia corrosiva, seus poemas, mesmo quando escritos na primeira pessoa, deflagram um acontecimento de um nós, de um coletivo, de um tempo, de um nosso tempo, de um dizer por si, para o outro e pelo outro, de um dizer por e para um nós. Se um dos poemas do livro de estreia, diz, poética e filosoficamente, que “Um acontecimento não fica perdido para sempre, um dia ressurgem,/ como esses corpos afogados que, depois de algum tempo/ no fundo, reaparecem à superfície, boiando./ E então já não há mais nada a fazer, senão enterrá-lo em poema”, é preciso, a cada momento, desenterrar os poemas de Simone Brantes, desenterrar, como ela, seus e nossos mortos, tirar seus livros da solidão e do silêncio da estante para, deixando-os boiar em nossos dias, reavivar na memória o que tais fantasmas podem sempre dizer, o que eles, repetidamente, podem redizer do e para o nosso tempo.

Publicado em 1999, “Pastilhas Brancas”, poema antológico homônimo do primeiro livro da poeta, capaz de trazer nossas profundidades mais assustadoras para emergir em uma superfície ao mesmo tempo em que empurra esta de volta para as escuridões a que pertencemos e de que nem mesmo sabemos, com sua força cotidiana pensante, marca certamente uma época, aquela e esta em que estamos, dizendo, com força e delicadeza maiores, um páthos, um humor irredutível de nosso tempo, um eu coletivo, um nós, um tempo, um nosso tempo. Como não ler nesse poema uma

antecipação de forças que podem ser lidas em nossas vidas e em certa poesia realizada hoje?

### PASTILHAS BRANCAS

Dormi calma por duas pastilhas brancas embalada,  
como quem não tem ocupada a alma por tudo que dói.  
Talvez, apartada de mim, minha dor tenha andado por aí perdida  
ou tenha ficado o tempo todo aqui bem próxima  
estendida sobre a cadeira  
como essas roupas que se despem na véspera  
e se vestem sem pudor no dia seguinte.

Recentemente, em 2016, Simone Brantes publicou, igualmente pela 7 Letras, o excelente *Quase todas as noites*, que retoma alguns de seus temas levando-os a uma radicalização que apenas a obsessão vital e a excelência poética permitem. Tal livro é simultaneamente seu amadurecimento (aguardemos o porvir!) e sua renovação, sua adultice e sua juventude, um livro, em todos os sentidos, raro, raríssimo, que, ambigualmente, diz respeito a muitos de nós. Os sonhos, os mortos, os familiares, os amigos, as amantes, os amigos, as relações afetivas retornam fantasmaticamente para reavivarem nossos fantasmas. O homoerotismo ali, pulsante, como, entre alguns, o poema “As moças” (“Como duas moças se encontram/ pelas moitas? como duas vulvas/ sob a colcha?/ como sem mergulho/ marulham no fundo os líquidos/ de uma na outra?/ Como, como –/ por que poder de Deus/ – as moças/ se comem se comem se comem/ com as coxas?”).

Um livro que, sendo de maturidade, poderia ser igualmente o de uma estreante privilegiada de nosso tempo, um livro maduro em seiva verdejante, à beira do tutano, cheio de gás, de gasolina, de qualquer combustível. Se a poeta (e ensaísta) argentina Tamara Kamezain havia escrito o *Livro dos divãs*, traduzido no Brasil por Carlito Azevedo e Paloma Vidal, publicado pela mesma 7 letras, em que tematiza sua condição de psicanalisanda, no novo livro de Simone Brantes, tem-se uma poemática analítica, uma oniro poesia no grau mais intenso, em que a analisanda e a analista são ninguém menos do que o poema e a poesia. Nele, Simone se entrega à estranha intimidade da poesia como quem se entrega à estranha intimidade da vida, que lhe segreda em seus ouvidos o que ela, em megafone, construindo, dita para nós.

Desde seu primeiro livro, os sonhos se fazem presentes, “os sonhos são turvos”, ou, como em *No caminho de Suam* (sim, Suam, a universidade em que Simone lecionou e que, no caminho diário para ela, de ônibus, fazia os poemas), de 2002, “O sonho é só uma história/ que a memória/ de manhã transforma/ em paisagem:/ é só uma miragem,/ uma peça que a razão/ te prega./ Tente se lembrar da sombra que há sob/ toda árvore:/ no sonho não há sombra/ só claridade”. Esse poema retorna em *Quase todas as noites*, ganhando, inclusive, o destaque da quarta capa. É a peça pregada em nós pela claridade dos sonhos, o desdobramento exponencial dos sonhos e seus *mise em abymes*, a dor obscura transmutada, sem se perder, em clarividência, o “fazer da noite sair enfim um dia”, o “impor/ um pouco de ordem/ à desordem/ que toda manhã/ impera/ no quarto”, a fazer com que os mortos apareçam nos sonhos enquanto fantasmas da memória “porque a morte é bem clara”, levando o sonho a ser “uma história/ que a memória/ de manhã transforma/ em paisagem”; é tudo isso, com os lapsos e atos falhos trabalhados (como o deslizamento entre “chupeta”, “bochecha” e “boceta”), que faz com que o passado e os mortos estejam, na clarividência fantasmática do poema, à frente.

Se os poemas, em seus sonhos estranhamente familiares, se repetem, é porque somos, nesta oniropoesia, “repetid[os] pelo mesmo método” de escrita, somos, enquanto leitores, repetidos pelos poemassonhos, que estão à nossa frente e nos lançam à frente de nós mesmos, em um caminho que vem. A poesia de Simone Brantes é dessas necessárias para nós enquanto as que não deixam os enigmas da vida se dispersarem, ou como afirma Caio Meira na orelha do livro: “Em *Quase todas as noites*, Simone Brantes encontra sua poesia nesse modo de ser que reiteradamente indaga o mundo em sua apresentação ordenada e ao mesmo tempo caótica: o que permanece e o que passa, o que é sonho e o que é real, as múltiplas vozes que levam a todos os lugares e a lugar nenhum. O próprio título, retirado de um sonho, indica esse caráter *retornante* em que está envolta sua poesia: poemas, como sonhos, são relatos dentro de relatos, são vozes que se abismam em outras vozes, textos cuja origem remete a outros textos; sonhos, como poemas, pedem decifração (ou nos devoram), exigem ser interpretados, recontados, relidos. Ademais, poemas e sonhos se servem das mesmas ferramentas para dar conta da natureza enigmática da vida”.

Ou então, em sua própria escrita:

Sonham-se

Sonham-se sonhos coloridos ou em preto e branco  
sonhos que se repetem toda noite ou toda manhã  
antes de despertar  
Sonham-se sonhos com mortos ou com vivos  
com quem morreu e com quem  
irá  
Sonham-se sonhos repetidos  
à risca  
ou com algumas diferenças  
sonhos camuflados em  
outros sonhos  
Sonham-se sonhos longos ou  
curtos  
sonhos que se chamam pesadelos  
A alegria, o prazer, o gozo  
não alteram o nome sonho  
Sonha-se no sonho com quem já se namorou  
ou com quem nunca se namorará  
Sonham-se sonhos com multiplicação de coisas  
lentes de contato que se reproduzem até  
o ponto em que quem sonha não sabe  
mais qual lente  
é a verdadeira lente  
que deverá pôr no olho  
para garantir a visão  
Noites após o papagaio foge  
e quando é procurado na floresta  
há uma floresta apinhada de cópias de  
papagaio  
Sonham-se sonhos dos quais se pode lembrar  
e sonhos que não se podem contar  
para ninguém ou para alguém  
Sonham-se sonhos premonitórios  
mas absolutamente inócuos  
Sonham-se sonhos também  
a prestações  
como episódios de um seriado  
da Netflix  
ou da televisão

2.

É este sonho em episódios que  
me esforço  
há anos  
para contar  
um sonho em dois episódios  
entre a salvação  
e a morte  
do meu pai

Entre o tumor benigno  
e o maligno  
Entre pensamento mágico  
e sua impotência

3.

Não é já o sonho  
mas a realidade que o irriga  
Na beira do rio tinha uma estrada estreita  
onde jogávamos bola  
eu e todos os garotos da rua  
Eu entrava com a bola e eles  
com a fome  
Quando a bola caía no rio  
um deles  
equilibrava a queda e a descida  
pela ribanceira  
e voltava com ela  
debaixo do braço

Então  
da primeira vez que meu pai  
quase morreu  
eu estava lá  
de novo mas sozinha com a bola  
que caía outra vez  
no rio  
e era dessa vez  
a própria correnteza  
que invertia seu curso  
e a devolvia

4.

Quando meu pai  
morreu de câncer de pâncreas  
dez anos  
atrás  
eu voei em sonho  
para essa mesma margem  
de rio  
a bola caiu nele de novo  
mas três cachorros negros  
chegaram do nada  
e me prenderam  
firmemente  
pela perna de modo que eu  
não podia me mover

e então a correnteza  
pôde fazer apenas  
o que pode fazer a correnteza